



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

BHIATRIZ FERNANDA ALVES FLORES



RECIFE
2023

BHIATRIZ FERNANDA ALVES FLORES

**REPRESENTAÇÕES DO URBANO NO CINEMA: uso de filmes para a compreensão
de conceitos geográficos na escola**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura e Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Graduada em Geografia.

Orientador(a): Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel

Coorientador(a): Prof. Dr. Pedro Paulo Pinto Maia Filho

**RECIFE
2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Flores, Bhiatriz Fernanda Alves.

Representações do urbano no cinema: Uso de filmes para a compreensão de conceitos geográficos na escola / Bhiatriz Fernanda Alves Flores. - Recife, 2023.

51 p.

Orientador(a): Caio Augusto Amorim Maciel

Coorientador(a): Pedro Paulo Pinto Maia Filho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2023.

Inclui apêndices.

1. Geografia Cultural. 2. Ensino de Geografia. 3. Geografia e Cinema. 4. Cinema e Educação. 5. Cinema Pernambucano. I. Maciel, Caio Augusto Amorim. (Orientação). II. Maia Filho, Pedro Paulo Pinto. (Coorientação). IV. Título.

910 CDD (22.ed.)

BHIATRIZ FERNANDA ALVES FLORES

**REPRESENTAÇÕES DO URBANO NO CINEMA: uso de filmes para a compreensão
de conceitos geográficos na escola**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura e Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Graduada em Geografia.

Aprovado em: 04/10/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Ms. Pietro Renato Felix de Queiroz (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dra. Amanda Mansur Custódio Nogueira (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Ao meu pai Fernando Flores (*In memorian*) e ao meu avô João Severino de Fontes (*In memorian*), nenhuma medida de tempo e espaço será capaz de mensurar a saudade que sinto de vocês.

AGRADECIMENTOS

Eu jamais poderia apontar que esse trabalho foi feito por mim e apenas meu nome deva ser mencionado nele. Durante toda a minha trajetória acadêmica estive rodeada de pessoas que me apoiaram, compartilharam múltiplos momentos e experiências diversas ao meu lado, e sempre serei grata por suas respectivas existências e tudo que vivemos nesses cinco anos, que na verdade deveriam ser quatro. Por essas razões, insiro seus nomes aqui e torno explícito um pouco do meu amor, carinho e apreço que eu gostaria que fossem visíveis e palpáveis apenas para que vocês pudessem compreendê-los da mesma maneira que eu. Dessa forma, esses agradecimentos vão especialmente:

Para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que fomentou o projeto de Iniciação Científica do qual o seguinte TCC originou-se.

Para meu queridíssimo orientador, Caio Amorim, que me acolheu ainda no terceiro período, quando era apenas uma curiosa e entusiasta de compreender as ligações entre Cinema e Geografia. Caio, obrigada por sempre ter dado luz às minhas ideias e tanto ter atribuído no meu crescimento e desenvolvimento acadêmico, mas principalmente por ter confiado no meu potencial em meio a projetos de PIBIC, monitorias e como membro do LECgeo.

Para meu co-orientador Pedro Maia, que desprende horas e horas conversando comigo sobre minhas pesquisas, resumos expandidos, ideias para trabalho e também confiou em mim no desenvolvimento de cada um desses processos. Para além disso, obrigada por todas as conversas e cafés na sala do LECgeo.

Para Pietro de Queiroz, que assim que soube da minha vontade de pesquisar sobre as relações entre Geografia e a sétima arte me apoiou, sempre me ajudando e motivando nas mais malucas das ideias. Além disso tudo, gostaria de agradecer-lo por também ser um ótimo amigo e conselheiro. Pietro, você é incrível demais! Obrigada por todas as videochamadas, conversas, conselhos e os outros momentos compartilhados, foi muito mais legal pesquisar com você junto!

Para Amanda Mansur, professora integrante da banca, que foi completamente receptiva desde o surgimento para participar da banca. Além disso, seus estudos são citados aqui como parte importante para a compreensão do cinema pernambucano. Obrigada pelos seus apontamentos e sugestões!

Para minha avó Elza, que não me deixou desistir do processo de graduação mesmo quando eu imaginava que era isso que eu queria. Voinha, agradeço também por sempre ter acreditado na minha capacidade e por ter subsidiado todos os meus estudos, passagens de ônibus e muitas outras coisas.

Para minhas amadas Larissa, Luiza, Letícia Silva, Letícia Maria e Danielle, que me conhecem desde meus tempos de escola e viveram comigo os meus melhores e piores momentos. Eu amo vocês de maneira inexplicável. Saibam que esses anos de amizade são mais do que especiais para mim. Obrigada por suas existências e por me deixarem compartilhar parte indescritível de suas vidas com vocês.

Para Jennifer, Matheus e Felipe, que chegaram lenta e inesperadamente na minha vida e se tornaram uma família que nunca imaginei ter. Além de uma amizade incrível, sinto que somos mais do que gigantes nas áreas da vida que compartilhamos. Amo tanto, tanto vocês três que não há uma medida que possa descrever porcentagens mínimas desse amor.

Para os queridos com quem compartilhei momentos incríveis em dias na UFPE, viagens e campo, bar do quintalzinho, praça da Várzea, Hamburger do Raul, cinema da UFPE e ocupação e vivências em outros espaços, eu espero que vocês vivam vidas incríveis e recebam mil vezes mais a bondade que o mundo oferece. A vida é muito boa, assim como todos vocês, obrigada por terem me marcado da melhor forma.

Para Lara e Emily, minhas irmãs do coração. Nos conhecemos na adolescência, aos 15 anos e vivemos dramas, leituras, canções e mil outras histórias narradas de mil maneiras. Vocês são minhas irmãs March para além da vastidão celestial. Amo vocês, meninas. Muito! Como diz Taylor Swift, amo vocês da Lua até Saturno.

Para Nanda, Laura e K., minhas parceiras de jogos, histórias e que entraram na minha vida durante a pandemia do COVID-19 e, numa época conturbada, cultivaram lindas memórias comigo. Gostaria que nossas histórias pudessem ser lidas daqui há séculos, e espero que sejam. Vocês são escritoras, jogadoras e pessoas incríveis. Sou mais do que feliz por tê-las conhecido. Obrigada pelas milhares de horas gastas em conversa.

Para Emanuel, com quem conversei incontáveis vezes a respeito de todas as loucuras desse trabalho e quem me ajudou no processo de escrita, análise de filmes, pesquisa de campo e também esteve ao meu lado nas horas em que não exigiam burocracia. Como escreveu Carla Madeira, existe uma certa beleza nos encontros e que bom que eu te (re)encontrei.

E agora, para o meu pai e meu avô. Papai e Voinho, a Bhiatriz, *Bhioca*, que estudou e se forma agora em uma universidade pública e cresceu de mil maneiras diferentes ao longo desses anos é a filha e neta de vocês, com caráter moldado pela criação de ambos. Eu os carrego

no meu coração em todos os lugares que vou e existe um pedaço de vocês em cada coisinha que escrevo. Amo vocês dois para além do que compreendemos como infinito.

“Gosto de pessoas que amam livros, filmes e artes e que querem falar sobre isso o tempo todo, porque é basicamente sobre isso que eu quero falar.” (Greta Gerwig).

RESUMO

No decorrer da história, representações imagéticas tornaram-se primordiais na construção de sociedades, visualização de espaços e processos culturais. Com o avanço e popularização da tecnologia, o cinema tornou-se meio de compartilhamento de pontos de vista, histórias, representações e lugares. Frequentemente associado a grandes sucessos de bilheteria e enredos cativantes, sua influência vai além do entretenimento. Os elementos de uma obra audiovisual, como roteiro, cenário e trilha sonora, podem evocar conexões com espaços e lugares significativos. Isso se torna relevante no contexto educacional, onde o cinema é utilizado como uma ferramenta de ensino de Geografia, conforme a Lei 13.006 de 2014, que tornou obrigatória a exibição de filmes nacionais nas escolas. Os filmes podem trazer tanto espaços próximos quanto lugares distantes das vivências dos estudantes, tornando o recurso imagético uma ferramenta para o docente de Geografia. Sendo assim, a presente monografia analisa o cinema na perspectiva de instrumento de compreensão do espaço geográfico, entre a representação e a experiência. A metodologia consistiu na aplicação de aulas com uso de recurso audiovisual em três escolas da Região Metropolitana do Recife, quando foram exibidas obras de diretores pernambucanos que abordam aspectos do espaço urbano, bem como questionários de avaliação da experiência pelos próprios alunos. Assim, o cinema foi reconhecido como um valioso artefato didático-pedagógico, contribuindo para a compreensão de questões culturais e a relação dos alunos com o ambiente. Tornou-se importante reconhecer que os filmes não são neutros, mas carregam perspectivas e ideologias do diretor. Portanto, ao usar o cinema na sala de aula, o professor desempenha o papel de mediador entre o alunado e a obra, facilitando discussões e promovendo a reflexão. Isso envolve contextualizar a obra em relação ao conteúdo de geografia e estimular os alunos a interpretar, analisar e compartilhar suas experiências. Assim, a aplicação da ferramenta pedagógica nas três escolas permitiu o diálogo sobre a linguagem cinematográfica e sua contribuição para a compreensão do espaço urbano, com base na Geografia Cultural.

Palavras-chave: Cinema; Pernambuco; Espaço urbano; Educação.

ABSTRACT

Throughout history, image representations have become essential in the construction of societies, visualization of spaces and cultural processes. With the advancement and popularization of technology, cinema has become a means of sharing points of view, stories, representations and places. Often associated with blockbusters and captivating plots, its influence goes beyond entertainment. The elements of an audiovisual work, such as script, setting and soundtrack, can evoke connections with significant spaces and places. This becomes relevant in the educational context, where cinema is used as a Geography teaching tool, according to Law 13,006 of 2014, which made the showing of national films in schools mandatory. Films can bring both spaces close to and places far from student's experiences, making the imagery resource a tool for Geography teachers. Therefore, this monograph analyzes cinema from the perspective of an instrument for understanding geographic space, between representation and experience. The methodology consisted of applying classes using audiovisual resources in three schools in the Metropolitan Region of Recife, when works by Pernambuco directors addressing aspects of urban space were shown, as well as questionnaires evaluating the experience by the students themselves. Thus, cinema was recognized as a valuable didactic-pedagogical artifact, contributing to the understanding of cultural issues and the relationship between students and the environment. It has become important to recognize that films are not neutral, but carry the director's perspectives and ideologies. Therefore, when using cinema in the classroom, the teacher plays the role of mediator between the students and the work, facilitating discussions and promoting reflection. This involves contextualizing the work in relation to geography content and encouraging students to interpret, analyze and share their experiences. Thus, the application of the pedagogical tool in the three schools allowed dialogue about cinematic language and its contribution to the understanding of urban space, based on Cultural Geography.

Keywords: Cinema, Pernambuco, Urban space, Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Cena do filme <i>Aquarius</i>	17
Figura 2 - Da esquerda para direita Almerly Steves, Edson Chagas e Ary Severo, pioneiros do Ciclo do Recife.....	22
Figura 3 - Cena do filme <i>O Coelho Sai</i> (1942)	23
Figura 4 - Filmagem em Super-8	24
Figura 5 - Grupo Vanretrô	25
Figura 6 - Frame do filme <i>Baile Perfumado</i> (1996).....	26
Figura 7 - Respostas sobre lugares reconhecidos em <i>Um Lugar ao Sol</i>	37
Figura 8 - Respostas sobre lugares reconhecidos em <i>Recife Frio</i>	39

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ano escolar	36
Gráfico 2 - Reconhecimento de cenários do filme, Escola Brigadeiro Eduardo Gomes	32
Gráfico 3 - Reconhecimento de cenários do filme, EREM Saturnino de Brito.....	39

QUADROS

Quadro 1 - Respostas do professor H.	30
Quadro 2 - Respostas do professor E.	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
REFLETINDO GEOGRAFIAS CINEMÁTICAS.....	14
Cena 2.1. A imagem como objeto de análise.....	14
Cena 2.2: O Cinema e a Geografia.....	16
Cena 2.3: O Cinema e o ensino.....	19
Cena 2.4 O Cinema e o Recife.....	21
<i>Cena 2.4.1 Frames e ciclos.....</i>	21
OBJETIVOS.....	29
LUZ, CÂMERA, AÇÃO!	30
UM POUCO DE CRÍTICA — ANÁLISE DOS RESULTADOS	36
CRÉDITOS FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43
FILMOGRAFIA	44
APÊNDICES	45

INTRODUÇÃO

O cinema pode ser socialmente compreendido como uma expressão cultural, que traz consigo diversas representações espaciais em suas histórias, as quais são diferentemente interpretadas com base no contexto em que se inserem. No Brasil, conhecemos títulos de produções distintas que são importantes para o cinema nacional, os quais eternizaram as paisagens e cidades ou estados onde o enredo ocorreu, como ocorre com São Paulo e Rio de Janeiro, sendo nacional e internacionalmente conhecidos pelo número de representações cinemáticas que possuem. No entanto, isso também é algo que acontece com outros estados do Brasil.

O cinema de Pernambuco, nesse sentido, traz em sua história o reconhecimento nacional e mundial que cresceu junto ao seu desenvolvimento como arte, apresentando para seu público visões do semiárido pernambucano e suas paisagens urbanas que marcam a história do estado, carregando em suas construções, também, parte da história do país. Por outro lado, o cinema está se aproximando do cenário da Geografia Escolar ao longo das últimas décadas, sendo atualmente conhecido como uma ferramenta de grande potencial de ferramenta metodológica.

Autores como Miranda (2008) salientam a capacidade do cinema de estimular a imaginação geográfica, enquanto outros, como Martin (2015), enfatizam a importância do audiovisual no ensino de geografia para proporcionar uma aprendizagem mais envolvente e significativa. Além disso, Maia Filho (2018) e Lima e Portugal (2018) apresentam meios de se aplicar a metodologia, sempre evidenciando os debates a respeito do filme e relacionando com os conteúdos aprendidos. Sendo assim, o trabalho em questão objetiva investigar, de maneira teórica e prática, como o cinema pernambucano pode ser integrado ao ensino da Geografia Escolar, resultando ou apenas promovendo uma educação geográfica que proporciona aproximação com o contexto vivenciado pelos discentes.

Desenvolvido a partir do Projeto de Iniciação Científica de mesmo nome e propósito, o respectivo Trabalho de Conclusão de Curso busca apresentar os resultados obtidos com base no PIBIC, baseando sua proposta e objetivos a partir da leitura bibliográfica do tema, perpassando pela história do Cinema Pernambucano, até chegar ao momento da prática metodológica em das escolas da Região Metropolitana do Recife.

REFLETINDO GEOGRAFIAS CINEMÁTICAS

Para compreender a natureza e o uso do cinema como ferramenta metodológica para o ensino da Geografia, enfatizando o tema aqui proposto, é necessário destrinchar e colocar em evidência as facetas do projeto de Iniciação Científica no qual a tese em questão é baseada. Dessa maneira, é preciso entender a utilização da imagem como objeto de análise e compreensão geográfica e, em seguida, entender como essa relação aprofunda-se, direcionando nossa compreensão à relação entre cinema e Geografia para que, posteriormente, seja possível analisar o cinema como ferramenta de ensino de Geografia no ensino básico da Região Metropolitana do Recife.

Cena 2.1: A Imagem como objeto de análise

É de senso comum que a Ciência Geográfica é uma ciência visual. Imagens e outros tipos de representação serão utilizados como objeto de estudo ou irão somar-se ao real objeto com o intuito de compreendê-lo parcialmente ou por inteiro. Ou seja, considera-se a geografia como uma ciência visual, seja na elaboração de mapas, pinturas rupestres até uma medianeira grafitada, signos geográficos produzidos através da relação entre o ser humano e a natureza (Queiroz, P. R. F. 2015, p. 7).

O que há nessas representações, por sua vez, pode ser categorizado como paisagem ou parte dela. Quando busca-se aproximar a paisagem do viés da Geografia Cultural, é possível compreender que esta “[...] sempre esteve intimamente ligada, na Geografia Humana, à cultura, à ideia de formas visíveis sobre a superfície da Terra e sua composição. A paisagem, de fato, é uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma cena, em uma unidade visual” (Cosgrove, D.1998, p. 98).

Analisando as paisagens a partir do pensamento de Cosgrove, é possível compreendê-las como uma somatória de símbolos existentes no mundo interno e externo da representação, que virão a ser analisados por um indivíduo receptor. Dessa forma, a paisagem pode ser compreendida como uma somatória de elementos, naturais e antropológicos, que constituem um espaço e geram significados a partir da relação direta ou indireta a ser estabelecida com seus elementos.

De acordo com Corrêa, essa análise “[...] está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o

particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real”. Para Stuart Hall (2016, p.38) a relação entre coisas, conceitos e signos, se situa, assim, no cerne da produção do sentido na linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chama-se de representação.

Levando em consideração as análises de Corrêa e Hall, observa-se, portanto, que uma representação é repleta de signos, os quais podem possuir interpretações subjetivas e mutáveis, alteradas a partir do conhecimento de quem interpreta. Ou seja, essa interpretação perpassa a intencionalidade do que está sendo representado. O sujeito possui um papel ativo no processo de significação.

Segundo Cosgrove (1998, p. 105 e 106) para compreender as expressões impressas por uma cultura em sua paisagem, é necessário um conhecimento da linguagem empregada: símbolos e seus significados nessa cultura. Como levantado por Maciel:

Quando se estuda o conceito de paisagem, percebe-se claramente que uma das mais fortes determinações semânticas da imaginação geográfica reside na seleção de alguns atributos da realidade, os quais são colocados em destaque, tomados como centrais ou, no limite, passam a designar por inteiro esta realidade a que se referem. (Maciel, C. A. A., 2009)

Nesse caso, compreender a importância e ligação da imagem com a Geografia faz-se necessário para que, posteriormente, percebe-se como as variações dessas imagens, ou seja, outras formas de representação visual, possuem potencial de estudo. Partindo desse pressuposto, deve-se analisar como a relação Geografia-Cinema se dispõe no campo da Geografia Cultural, acima de tudo, as representações do urbano no mundo da sétima arte.

Ademais, as *paisagens típicas* de um dado recorte espacial passaram, então, a se revestir de grande interesse para o estudo das identidades geográficas, pois constatou-se que guardam em si um processo de construção cultural coletiva, aceitando, porém, leituras particulares (MACIEL, 2004; 2009). Podem ser vistas também como formas simbólicas espaciais (CORRÊA 2007), inclusive quando fotografadas ou filmadas e divulgadas recorrentemente.

Representações espaciais abarcam dialeticamente desde como as populações locais se veem em relação com a cidade, até como a sociedade maior reelabora esta *razão geográfica* através de discursos da mídia, da política e, mais importante para o tema aqui proposto, fundamentalmente por intermédio da escola e do cinema.

Cena 2.2: O Cinema e a Geografia

Anteriormente tratamos sobre as ligações entre a Cultura Visual e a Ciência Geográfica. A interpretação simbólica através do uso da imagem na Geografia decorre de diferentes tipos de representações, como mapas, fotografias e desenhos. Não é incorreto mencionarmos que o audiovisual também deve estar contido no estudo geográfico de formas de representação. Nesse sentido, Agustín Gamir Orueta afirma que o cinema se tornou o instrumento mais poderoso para a difusão de imagens de espaços geográficos e o geógrafo desconhece essa construção (GAMIR ORUETA, 2012).

Quando falamos a respeito do uso de vídeos na Geografia, podemos destacar que “Nas décadas de 1950 e 1960, o uso de documentários como forma de ilustrar e retratar diferentes lugares era prática comum entre geógrafos, sendo o cinema perspectivado como uma janela sobre a realidade” (Azevedo, 2009 p. 95 e 96). Entende-se a janela sobre a realidade como a ideia de que o que se é capturado representa por inteiro o meio, como se este não pudesse ser manipulado através da captura.

No entanto, como levantado por Corrêa e Hall no capítulo anterior, essas capturas estão, na verdade, suscetíveis às análises primárias de quem a registra. Quando gravamos o vídeo de uma paisagem, por exemplo, tendemos a fazê-lo levando em consideração o que mais nos agrada e queremos passar adiante. Ademais, Costa traz que:

Por ser o cinema um meio enraizado na ideologia do realismo, tradicionalmente considerado como um “meio de reprodução do real”, o filme tem a capacidade de estreitar as relações entre o mundo real e sua imagem produzida. (Costa, M. H. B. V, 2011 p. 44)

Precisamos, nesse sentido, quebrar a crença de que tudo o que apresenta-se para nós através do cinema apresenta a realidade por inteiro, para que então possamos analisar a obra e direcionar nossas próprias vivências à essa mesma análise. Apesar dos registros em documentários feitos por geógrafos nas décadas de 50 e 60, Azevedo aponta que durante os anos 80, “acusava-se a diluição ou um esbatimento de fronteiras entre o documentário e o filme de ficção, chamava-se a atenção para a necessidade de encarar o filme no seu conjunto como representação” (p. 96).

Podemos compreender o pensamento de Azevedo observando que o filme, constituído de cenas e essas formadas por frames, pode ser considerado não apenas como uma, mas sim como um conjunto de representações do espaço. Quando passamos essa questão para o espaço urbano, podemos afirmar que temos um conjunto numeroso de símbolos que constituem as

idades e farão parte, não somente da Geografia do Cinema, quando contidas no espaço representado, mas também de uma Geografia Popular presente no imaginário do público e que não pode ser deixada de lado. A respeito das representações do urbano no cinema, Pietro Queiroz argumenta que:

O trajeto que estudos da geografia e do cinema percorrem têm na cidade o principal espaço para análise de filmes. Compreensível, por entendermos que os primeiros registros cinematográficos foram realizados nos centros urbanos das grandes metrópoles... [isto] nos remete a pensar os espaços construídos por imagens em movimento e as paisagens que produz, desenvolvendo **geografias mediadas pela experiência fílmica** (QUEIROZ, 2017, p. 70, grifo meu).

As identidades geográficas mais recorrentes possuem origem de elementos profundamente enraizados no imaginário e/ou cotidiano socioambiental, selecionando-os e projetando-os na esfera do senso comum, do discurso político e acadêmico, de onde realimentam ciclicamente as interpretações da relação sociedade/espaço. O desenvolvimento da experiência fílmica traz consigo a perpetuação desses espaços que, pensados através de um viés específico, em geral o objetivo do roteiro e desejo do diretor, traz consigo a perpetuação de lugares já conhecidos, ou novas interpretações do meio. Em *Aquarius*, filme do ano de 2016, dirigido e roteirizado por Kleber Mendonça Filho, a cena da ponte Agamenon Magalhães (Ponte do Pina) tornou-se emblemática pela bela vista da cidade do Recife e bairros adjacentes, mas também por uma sutil alteração ocorrida no espaço representado

Figura 1: Cena do filme *Aquarius*



Fonte: Kleber Mendonça Filho, 2016.

Para alguém que habita a cidade ou possui relação com o trajeto da ponte, a paisagem soa estranha, ou minimamente diferente do comum. O apagamento das famosas Torres Gêmeas do Recife, píer Maurício de Nassau e Duarte Coelho, traz consigo múltiplos significados que

estão relacionados às problemáticas presentes no longametrage, mas também refletem situações que regem a cidade do Recife. Tal fato pode passar despercebido tanto pelo público que não conhece a cidade mas, pela brevidade da cena, também passa despercebido pelos espectadores recifenses. O apagamento, em consequência, gera debate ao sabermos da remoção, mas principalmente por termos acesso à informação após assistir ao filme, o que permite retornar à obra e analisar a cena com um outro olhar. Afinal, a experiência do filme não é apenas assisti-lo, mas também debater a seu respeito.

Quando mencionamos a obra, parte do tema central que rege as situações que a protagonista vivencia pode ser definida na palavra verticalização, o processo de construção de inúmeros edifícios em cidades, proporcionando um crescimento vertical e “para cima”. A respeito da remoção:

“O filme é meu, e quem manda sou eu”, disse Kleber Mendonça Filho, com graça, durante coletiva de imprensa, sobre a decisão de apagar da paisagem do Recife os dois espigões que são símbolo do processo de verticalização da cidade amparo na especulação imobiliária que chega a impactar em paisagens naturais ou construídas pela história”¹

O que podemos absorver a partir do exemplo relaciona-se com o apontado por Azevedo a despeito das alterações na paisagem exercidas por aqueles que resolvem registrá-las, em vídeo ou fotografias. Os filmes, por sua vez, também podem ser constituídos pela presença ou ausência de uma geografia formada por ícones populares que farão sentido para os espectadores que estão mergulhados naquela cultura ou realidade.

Leonardo Name chama atenção para o conceito de zonas de contato, as quais promovem “o encontro que é o objeto da representação – o estrangeiro na *terrae incognita*², em todos os tipos de narrativa – e o encontro daquele que consome a representação [...] com o universo da alteridade por ela construído”. É a partir da relação estabelecida entre ambos, quem consome e a representação, que podemos iniciar o estudo da Geografia e demais conceitos geográficos através do audiovisual.

¹ Trecho de matéria do site JC Online “**As torres gêmeas foram apagadas em cena de "Aquarius"**” escrita por Romero Rafael e publicada originalmente em 19 de agosto de 2016, acesso em: 19 de agosto de 2023.

² *Terrae incognita* pode ser compreendida em livre tradução como uma terra desconhecida. Em um dos significados atribuídos por Wright (2014, p.6) “as palavras terra incognita significavam uma terra desconhecida para o cartógrafo, depois que, presumivelmente, ele consultasse todas as fontes de informação disponíveis;”

Cena 2.3: O Cinema e o ensino

Quando pensamos em cinema, é comum que as primeiras ideias associadas refiram-se aos grandes sucessos de bilheteria que marcaram gerações por suas histórias emblemáticas ou personagens que permanecem até hoje no imaginário e saudosismo do público. Os elementos que constituem uma obra audiovisual, sendo eles roteiro, cenário ou trilha sonora estão abertos para múltiplas interpretações e associações que podem, ou não, estar diretamente atreladas ao ponto central estipulado pela narrativa.

Estamos, afinal, imersos numa infinidade de objetos da cultura audiovisual e de massa que, inseridos no cotidiano, contêm geograficidades bastante evidentes, seja por revelar questões importantes no que diz respeito à relação das pessoas com espaços, paisagens e lugares, seja porque em última análise esses objetos apresentam e representam variados espaços, paisagens e lugares. (Name, L. 2013, p. 30)

Seguindo a perspectiva de Name, podemos compreender que essa cultura caminha para muito além da definição de entretenimento e suas geograficidades, como aponta o autor, fazem parte de algo potencialmente maior. A relação do espectador com espaços, paisagens e lugares apresenta-se como parte da compreensão e uso da sétima arte no cotidiano escolar; afinal, essa relação servirá de combustível para as aulas de Geografia.

Esse uso metodológico do cinema ao qual nos referimos é incentivado e embasado na Lei 13.006, de sanção ocorrida em 2014 durante o governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, que diz que “[...] a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (Brasil, 2014).

Apesar de parecer um curto tempo de duração, as duas horas do audiovisual constituem parte do tempo de duas aulas geminadas no ensino básico, então o tempo poderá ser utilizado com cautela para não extrapolar a duração máxima das aulas de Geografia, tendo em vista a necessidade do docente de que o pensamento seja devidamente desenvolvido ao longo da aula.

Para além da legislação brasileira e direcionando o foco para a teoria do cinema como ferramenta de ensino, “[...] a linguagem cinematográfica configura-se como significativo artefato didático-pedagógico no contexto da ciência geográfica e, conseqüentemente para a produção de conhecimentos contemplativos das questões culturais” (Lima, M. R., Portugal, J. F., 2018 p. 99).

Podemos entender o cinema como uma ferramenta de aproximação do público com um determinado espaço, cujo sua representação pode vir a ser a primeira referência do espectador ao entrar em contato posterior com algum elemento que relaciona-se àquela mesma paisagem. No entanto, essa permanência no imaginário como uma fato comprovado apresenta-se como uma atitude arriscada, uma vez que como audiência estamos sujeito às múltiplas visões, compreensões e transmissão de crença do diretor, que perpetuam para além da tela.

Assistir a um filme, portanto, não é uma atividade neutra, sem nenhum efeito sobre o espectador e sim uma atividade política, assim como sua produção e distribuição (Maia Filho, P. P. P. 2018, p. 80). O filme não ser uma produção cultural neutra é algo a ser compreendido antes de trazê-lo para a sala de aula. Ademais, além de transpor o conhecimento, ao trazer um filme que constitui parte da proposta metodológica, o docente irá exercer também o papel de mediador entre o público e a obra, auxiliando para que o rumo do debate não seja perdido ao longo das discussões e que perguntas importantes para a compreensão do conteúdo não sejam postas em segundo plano.

Ou seja, “[...] promovendo o “pensar sobre” e desenvolvendo a capacidade do aluno de contextualizar, estabelecer e conferir significados às informações” (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2007 p. 262). Nesse sentido, a conferência e inserção de significados dar-se-á, portanto, através das interpretações, análises e experiências dos alunos, somadas ao conteúdo que central da aula de Geografia, tal qual a mediação e intervenção feita pelo professor.

Com a aplicação em sala, torna-se possível “[...] dialogar sobre o uso da linguagem cinematográfica enquanto artefato didático-pedagógico no ensino da Geografia, tendo a Geografia Cultural como base teórica e epistemológica de estudo [...]” (Lima, M. R., Portugal, J. F., 2018 p. 100).

Dessa maneira, torna-se preciso que o docente tenha pleno conhecimento da representação cinematográfica que está sendo utilizada em sala de aula. Informações a respeito da obra como gênero, contexto histórico-cultural e detalhes de produção, devem ser analisadas antes da aplicação em aula, assim, promovendo bom uso do recurso audiovisual no contexto escolar.

Cena 2.4 O Cinema e o Recife

Não é preciso fazer grande esforço para demonstrar que o cinema produzido em Pernambuco ocupa um papel singular na cultura brasileira (Nogueira, A.C.M, 2014 p.16). Podemos inserir aqui produções como *Baile Perfumado* (1996), *Amarelo Manga* (2002), *Baixio das Bestas* (2006) *O Som ao Redor* (2012), *Aquarius* (2016), por exemplo, como referência ao tratarmos do assunto. O prestígio e reconhecimento veio, por sua vez, não somente de crítica nacional, como também internacional. Ademais, não apenas as produções audiovisuais destacam-se, como seus respectivos diretores, roteiristas, produtores e elenco, são também prestigiados por seus trabalhos e performances.

Porém, por trás de seus prestígio atual existe um processo histórico de sua construção e evolução no decorrer das décadas do século XX e XXI, que foram primordiais para o reconhecimento da cidade e seu potencial dramático. Falar apenas do cinema pernambucano contemporâneo, nesse sentido, não basta quando existe a necessidade de compreender sua historicidade e contextualização. Devemos, portanto, entender que não apenas o cinema é feito de Pernambuco, mas Pernambuco também é feito de cinema.

Nesse sentido, ao iniciar os estudos sobre o cinema pernambucano, devemos passear entre os ciclos cinemáticos que marcaram a história da sétima arte no estado, com o objetivo de compreender o caminhar e crescimento das produções cinematográficas locais. Em suma, o presente capítulo possui como objetivo recapitular brevemente os eventos e contextos dos conhecidos períodos: Ciclo do Recife, Entre Ciclos, Super-8 e Ciclo de Retomada, e suas influências no que conhecemos atualmente do cinema pernambucano.

Cena 2.4.1 Frames e ciclos

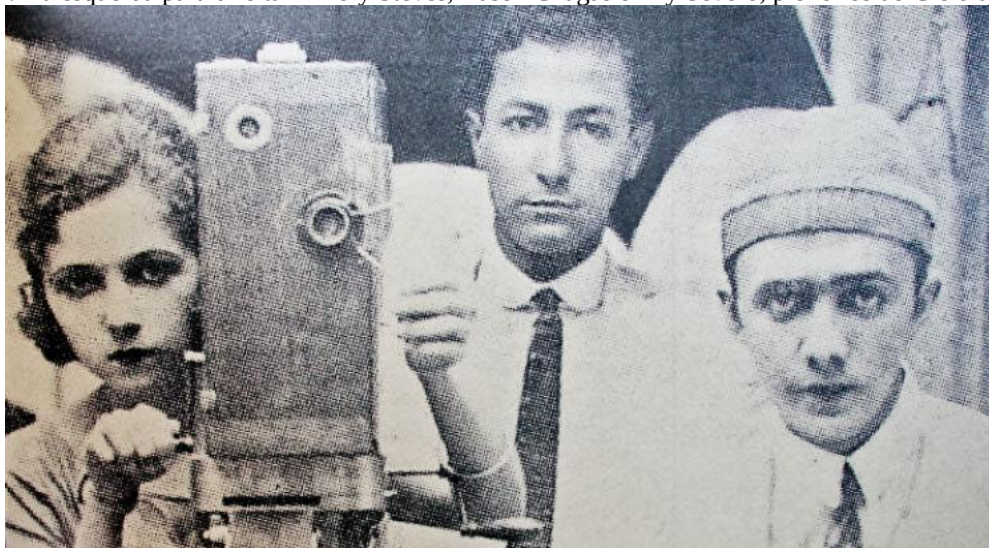
Quando mencionamos os ciclos do cinema pernambucano devemos lembrar que o audiovisual do estado não começou apenas junto a ele, mas existiu antes de suas devidas delimitações. De acordo com Flor (2016, p. 3) no início do século XX dois italianos, J. Cambieri e Ugo Falangola³, chegaram ao Recife com uma grande novidade. O novíssimo assunto em

³ De acordo com o site da Cinemateca Pernambucana, “Ugo Falangola foi um diretor e produtor italiano, além de pioneiro do movimento cinematográfico do Ciclo do Recife, trabalhou em documentários para o governo, que eram passados antes dos filmes, tendo destaque o clássico *Veneza Americana* (1925), um dos arquivos mais antigos resgatado com imagens da modernização do Recife”. A respeito de J. Cambieri, “parceiro de Ugo Falangola na produção de filmes, foi sócio fundador da Pernambuco-Films, primeira produtora audiovisual do estado, em 1920. Há poucas informações disponíveis sobre o realizador e nenhuma fotografia ou vínculos com parentes vivos.”

questão, tratava-se “da realidade capturada por uma máquina” (Figueirôa⁴ *apud* Flor, 2016, p. 3). A chegada dos cineastas italianos à cidade do Recife trouxe consigo, não apenas a novidade relatada anteriormente, mas também a fundação da chamada Pernambuco-Films em 1920, produtora de filmes locais.

De acordo com Bento (2023), esse ato é o que marca a virada de chave do cinema pernambucano, uma vez que essa produtora trabalhou em documentários feitos a pedido do governo do prefeito Sérgio Loreto, registrando o processo de modernização do Recife, e assim permaneceu até o início do Ciclo do Recife, em 1923. O chamado Ciclo do Recife possui produções que vão dos anos de 1923 até 1931, sendo considerado “o primeiro grande movimento cinematográfico na história do cinema pernambucano, sendo considerado o mais produtivo dos ciclos regionais do Brasil, no início do século XX” (Flor, A. J, 2014 p. 3). Como aponta Queiroz (2017, p.76) este momento foi caracterizado pela ousadia de um grupo de realizadores do qual despontaram nomes como os de Ary Severo, Edson Chagas, Gentil Roiz, Ary Severo⁵, Almerly Steves e Jota Soares. Os três primeiros foram responsáveis pelo surgimento da Aurora Film, Os três primeiros foram responsáveis pelo surgimento da Aurora Film, produtora responsável por abarcar as obras audiovisuais que marcaram o período em questão.

Figura 2: Da esquerda para direita Almerly Steves, Edson Chagas e Ary Severo, pioneiros do Ciclo do Recife.



Fonte: Bianca Sousa/JC Imagem

⁴ FIGUEIRÔA, Alexandre. Cinema pernambucano: uma história em ciclos. Pernambuco: Editora Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.

⁵ Existem incongruências com relação à participação de Ary Severo na fundação da *Aurora Film*. De acordo com Spencer, F. *apud* Behar, R. “em contrato de sociedade da Aurora Film realmente não consta o nome de Ary Severo, que na realidade se chamava Luiz da Rosa Torreão, mas ao lado dos nomes de Manoel Edson Chagas e Gentil Roiz cita-se um terceiro sócio, Joaquim do Nascimento.”

No decorrer dos oito anos que regem o período houve a produção de 13 longas-metragens, dentre os quais podemos destacar *Aitaré da Praia* (1925, dir. Gentil Roiz) e *A Filha do Advogado* (1926, dir. Jota Soares), considerados clássicos do ciclo. Dessas treze produções, oito foram produzidas durante 1925 e 1926, já nos outros anos produziu um ou nenhum filme (Nogueira, A. C. M, 2014, p. 64). Segundo Bento (2023), o cinema mudo pernambucano foi perdendo o fôlego por diversos motivos, ainda de acordo com o autor:

Primeiro porque não haviam tantas exhibições fora do Estado capazes de trazer lucros reais que compensasse os investimentos. Mas o principal golpe foi a chegada do cinema falado na década de 1930, que reforçou o poder do cinema hollywoodiano. Não existia técnica suficiente em Pernambuco para competir com esses filmes. Isso enfraqueceu o cinema brasileiro em geral. (Bento, 2023).

O Ciclo do Recife chegou ao fim e com o findar das produções, o surgimento de um período conhecido como Entre Ciclos, que durou dos anos 1940 até 1960. Durante esse tempo, “[...] entramos em um período de transformação da vida cinematográfica em Pernambuco, na verdade, aquilo que nós fazíamos em termos de produção, filmes efetivamente, se transferiu muito para a produção de uma crítica” (Cunha, 2013). Segundo Nogueira (2014, p. 69) a realização de longas por mais de trinta anos não alcançou expressividade. Só na década de 1940 foi produzido o primeiro filme falado no Nordeste: *Coelho Sai* (1942), de Newton Paiva e Firmo Neto.

Figura 3: Cena do filme *O Coelho Sai* (1942)



Fonte: JC Online, acesso em xx

O período posterior a ser destacado diz respeito ao Ciclo Super-8, em 1973, “[...] que com uma forma inovadora e de cunho nacionalista leva Recife para os principais festivais de curta metragem realizados nas capitais brasileiras” (Flor, A. J, 2014 p. 4). É durante os anos do super-8 que as práticas cineclubistas⁶ passam a existir com força no estado, uma vez que a câmera “[...] era usada e foi criada, por ser de um tamanho relativamente pequeno, para filmagens domésticas de festas de aniversário por exemplo” (Galvão, G.A., 2018 p. 2). Com base na observação do autor podemos compreender que seu baixo custo foi de suma importância para sua popularização e numerosidade de produções dessa época. De acordo com Queiroz os títulos que chamaram atenção durante o período, foram:

[...] “Valente é o galo” (1974), de Fernando Spencer, “O Palhaço Degolado” (1976), de Jomard Muniz de Brito, “Esses Onze aí” (1978), de Geneton Moraes Neto e Paulo Cunha, “Robin Hollywood” (1977), de Amin Stepple, “El Barato” (1972), de Kátia Mesel, “A Feira de Caruaru” (1976), de Flávio Rodrigues. Paulo Cunha filmou em 1979, na bitola de 16mm “Tambor Brasil” e “O Coração do Cinema” (1980), ao lado de Geneton Moraes Neto. O Ciclo tem fim com o filme “É Morte no Capibaribe” (1983), de Paulo Caldas (Nogueira, *apud* Queiroz, 2017, p.78).

Ao longo dos anos que marcam a popularidade da Super-8 mais de 200 filmes foram produzidos (Nogueira, 2014, p. 72). O número de filmes que destacaram-se ou, simplesmente foram produzidos e seus registros e títulos estão sob nosso conhecimento, pode ser considerado mais evidentes do que os ciclos antecessores.

Figura 4: Filmagem em Super-8



⁶ Antes do ápice da câmera super-8, e das práticas cineclubistas que surgiram junto a ela, já haviam movimentos cineclubistas intensos na capital pernambucana. “Havia o Cineclube do Recife, que funcionava no bairro da Soledade, idealizado pelo cronista José de Souza Alencar [...] Havia Cineclube Vigilanti Cura, cujas sessões aconteciam na Rua do Riachuelo, organizado pelo Círculo Católico” (Nogueira, A. M. C., 2014, p. 71).

Fonte: Portal Cultura PE, acesso em 08/08/2023

É durante a popularização do ato de filmar e fazer filme que, nos anos 1980, que surge a Vanguarda Retrógrada, o grupo Vanretrô⁷, “[...] criado nas dependências do Centro de Artes e Comunicação, CAC, da UFPE, surgiu com o intuito de realizar filmes e o aprimoramento nas diversas áreas do cinema” (Queiroz, 2017, p.78).

Figura 5: Grupo Vanretrô



Fonte: Portal Cultura PE, acesso em 08 de agosto de 2023.

Os integrantes participavam das produções uns dos outros, formando, assim, um grupo de produção de cinema (Queiroz, 2017) e podemos interpretar que a partir dessa prática, temos conhecimento da *brodagem* que rege o cinema pernambucano. A respeito do termo em questão, este é utilizado:

“[...] para expressar um modo de fazer de produzir algo em parceria (música, cinema, artes plásticas), na década de 1990, no Recife. A gíria pernambucana é um aportuguesamento da palavra em inglês brother, e surge como forma de designar uma irmandade (no caso de um grupo de amigos), ou uma camaradagem (no caso de um favor)!” (NOGUEIRA, 2014, p. 33).

Além disso, “[...] a brodagem se configura como um jogo de interesses dentro de uma forte relação de amizade, de paixões em comum e vontade de fazer cinema” (Nogueira, A. C. M, 2014 p.34). Os interesses em comum, a prática da sétima arte, podem ser compreendidos como combustível de união do grupo e dessa maneira, surgiu o aprofundamento das relações interpessoais existentes no Vanretrô. Não obstante, foi desse grupo de jovens estudantes do CAC que saíram nomes importantes para o cinema pernambucano e nacional, além de suas

⁷ “O Vanretrô era composto de dez pessoas: Lírío Ferreira, Adelina Pontual, Valéria Ferro, Cláudia Silveira, Patrícia Luna, Andréa Alves, André Machado, Samuel Paiva, Solange Rocha e Ana Conceição. Cláudio Assim, na época estudante de Economia na UFPE, namorava Solange Rocha e participava dos encontros do grupo. Paulo Caldas não era integrante do Vanretrô, mas pode ser considerado o guru da turma. Ele já realizava os primeiros filmes em Super-8, como *Morte no Capibaribe* (1983), e levantava as discussões da ABD/PE (Associação Brasileira de Documentaristas de Pernambuco) da qual fazia parte na época.” (Nogueira, A. C. M, 2014, p. 79).

respectivas produções que podem ser consideradas hoje como clássicos do cinema e audiovisual nacional. Sobre participações e produções do grupo, Queiroz aponta:

“Do grupo Vanretrô surgiram cineastas que fariam parte da retomada da produção de cinema em Pernambuco. Nomes como Cláudio Assis, Lírío Ferreira, Adelina Pontual, Marcelo Gomes e Paulo Caldas, que participavam dos encontros do grupo, despontaram nos anos 1990 com a produção de longas-metragens. Filmes como “Padre Henrique: Um Assassinato Político” (1986), de Cláudio Assis, “O Crime da Imagem” (1992), de Lírío Ferreira, “Maracatu, Maracatus” (1995), de Marcelo Gomes e “Ópera Cólera” (1992), de Paulo Caldas, surgem como alguns da intensa produção de curtas metragens realizada pelo grupo, que culmina com a realização de “O Baile Perfumado” (1997), de Lírío Ferreira e Paulo Caldas, primeiro longa-metragem do grupo de diretores.” (Queiroz, P. R. F. 2017 p.78)

O citado “Baile Perfumado”⁸ (dir. Paulo Caldas e Lírío Ferreira, 1997) é uma das produções de maiores nomes do período que chamamos de Ciclo da Retomada, também conhecido como a geração do Árido Movie. A denominação do grupo, como remonta Queiroz ao referenciar Nogueira, era prontamente negada pelos realizadores, por acreditarem que os filmes possuíam linguagens diferentes, porém algumas características em comum (Queiroz *apud* Nogueira, 2017, p. 78). Esse ciclo, por conseguinte, é denominado Ciclo da Retomada, uma geração que surge no período da retomada do cinema no país.

Figura 6: Frame do filme “Baile Perfumado”



Fonte: Portal Cultural PE, acesso em 08 de agosto de 2023

⁸ A respeito da importância da obra “Baile Perfumado” e em crítica cinematográfica, Kleber Mendonça Filho redige, em comemoração aos 10 anos de estreia do longa-metragem: “Quando Baile Perfumado estreou no 29º Festival de Brasília, em novembro de 1996, Pernambuco quebrava uma seca de 18 anos sem produzir um longa metragem [...]. O filme de Lírío Ferreira e Paulo Caldas saiu daquele festival não apenas como uma impressionante lista de prêmios (incluindo melhor filme), como também pareceu confirmar um interessante zum-zum-zum que vinha de Pernambuco e que apontava para uma certa movimentação na área cultural, em especial na música. [...] Produzido por 600 mil dólares na época em que nossa moeda era vendida de um para um com a norte-americana, um filme de baixo orçamento, Baile Perfumado impactou Brasília com voos rasantes videoclípticos em canyons do Rio São Francisco ao som de Sangue de Bairro, de Chico Science & Nação Zumbi, e Veneno, de Stela Campos e Mundo Livre S/A nos créditos finais”.

Nomes como Marcelo Pedroso, Gabriel Mascaro, Leonardo Lacca, Juliano Dornelles, Leonardo Sette, Tião, Marcelo Lordello, Pedro Severien, entre outros, traziam à cena filmes que dialogam com a dinâmica urbana do Recife e outras cidades (Queiroz, 2017 p. 78), além do surgimento do nome de Kleber Mendonça Filho.

Com relação aos quesitos estéticos e cenários dos filmes da retomada, “os filmes da geração da Retomada fazem à sua maneira um mapeamento histórico, geográfico e cultural da cidade do Recife” (Nogueira, A. M. C. 2014, p. 142). E complementa o pensamento ao dizer que “a particularidade dessa filmografia é que, ao passear pela geografia das representações das identidades dos personagens da cidade, surge uma imagem visual e sonora montando um universo heterogêneo, multicultural, mas ao mesmo tempo autoconsciente de um sentimento local” (Nogueira, A. M. C. 2014, p. 142).

O que podemos perceber, analisando o histórico breve aqui inserido e agora interpretado, é que o cinema em Pernambuco passou por suas fases, mudanças, períodos de latência, crescimento alarmante de suas produções devido a popularização de um de seus principais recursos, lê-se a câmera, e rompeu fronteiras através de grupos geracionais com vivências e ideias divergentes de como o cinema deveria ser produzido.

As influências, internacionais ou nacionais, atreladas a contextos políticos, culturais e socioeconômicos, mostraram-se presentes nas evoluções das obras e histórias por elas contadas. Dito isso, insiro aqui o questionamento de por quê não estudar o cinema pernambucano e aplicá-lo em sala de aula, quando seu arcabouço cultural e registros da cidade apresentam tanto mudanças significativas em questões visuais e de ideais, quanto no que conhecemos do Recife? A resposta pode apontar a simples ideia de incentivar a nova geração de jovens a pensarem e dialogarem com as produções artísticas locais.

Recorremos à teoria da ação coletiva de Howard S. Becker (1977), para quem a discussão da arte como ação coletiva sugere uma abordagem geral à análise da organização social: “a arte é social no sentido de que ela é criada por redes de relações de pessoas que atuam juntas e propõe um quadro de referência no qual formas diferentes de ação coletiva, mediadas por convenções aceitas ou recentemente desenvolvidas” (Becker⁹ *apud* Nogueira, 2014 p. xx).

Com base no que aponta Becker, podemos interpretar a arte pernambucana ou o seu cinema, como um objeto social. Além disso, retomando à *brodagem*, como o ato de ser social

⁹ BECKER, Howard. Uma Teoria Da Ação Coletiva. Tradução Márcia Bandeira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1977.

presente intrinsecamente em grandes filmes pernambucanos que faz do cinema um objeto social. A brodagem e formas de compreender e interpretar o cinema devem ser levadas às escolas como forma de perpetuar a arte em sociedade.

OBJETIVOS

Geral: compreender como o uso de imagens cinematográficas contribuem para a construção de conceitos geográficos relacionados ao espaço urbano no ambiente escolar.

Específicos:

- Compreender os pressupostos do uso de imagens cinematográficas na didática geográfica;
- Interpretar a mediação do cinema nas atividades de construção do conceito de espaço urbano em sala de aula;
- Avaliar o impacto de imagens cinematográficas na constituição de novas representações da metrópole recifense pelo alunado de geografia

LUZ, CÂMERA, AÇÃO!

O processo de aplicação metodológica ocorreu em três escolas da Região Metropolitana do Recife, inseridas nos municípios de Recife e Jaboatão dos Guararapes, respectivamente: Escola Brigadeiro Eduardo Gomes, Escola de Referência em Ensino Médio Saturnino de Brito. Com base nas aplicabilidades e respectivos contextos cotidianos de cada escola, o capítulo se dividirá em tópicos específicos para cada, onde serão abordados os processos de execução da prática pedagógica nos referidos espaços escolares. Além disso, os tópicos contarão com subtópicos que tratarão do processo de observação, lê-se diários de campo, escritos em terceira pessoa a respeito dos contatos com o professor de Geografia, os discentes das turmas e o momento da aula com filmes.

4.1. EXIBIÇÃO NA ESCOLA BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

A Escola Brigadeiro Eduardo Gomes está localizada na rua Barão de Souza Leão, no bairro de Boa Viagem, em Recife. A escolha pela escola deu-se devido à sua localização, uma vez que processos atrelados à urbanização, como a verticalização e desigualdade socioeconômica, são facilmente encontrados e exemplificados pelo bairro. Outrossim, parte dos alunos residem em comunidades e endereços próximos à escola, nos quais conseguem enxergar e exemplificar em seu dia-a-dia os conceitos de Urbano sendo destrinchados na prática.

O estabelecimento de contato com a escola deu-se como a parte mais trabalhosa, apenas por não conhecer o espaço escolar para além de sua fachada, algo que conseguia ver através das janelas de algumas linhas de ônibus. A Escola Brigadeiro Eduardo Gomes era conhecida por mim como parte do cenário de uma Boa Viagem que quase não frequentava, até o dia de adentrar seu espaço como uma observadora e pesquisadora de Iniciação Científica. Esse ato, tão temido por mim, mostrou-se mais suave do que esperava e após um diálogo simples com a gestora e o professor de Geografia do 9º ano, o meu passe livre pela escola já estava concedido. Ainda durante a conversa com o docente na sala dos professores, foi explicado como ocorreria a metodologia e quais eram os objetivos da em primeiro momento.

A explicação consistia na ideia do projeto e na pretensão de resultados da aula como parte importante da Iniciação Científica, somados à inserção dos filmes pernambucanos na aula de Geografia como ferramenta metodológica. No primeiro dia de observação, especificamente 30 de maio de 2023, a aula que me foi recomendada a assistir tratava-se de uma aula de história

sobre o Período Regencial. Acontece, nesse caso, que o docente de Geografia era graduado, na verdade, em História, e as aulas de Geografia foram designadas apenas por ausência de outro docente para assumir o cargo nos horários necessitados. A respeito da formação primária do professor, essa é uma prática comum observada no cenário das escolas públicas e particulares da Região Metropolitana do Recife e não apenas nela, como em outras cidades do estado e também do país.

Apesar dessa inconsistência inicial, as observações das turmas foram feitas nas classes dos 9º anos A, B, C e D, porém a aplicação da metodologia ocorreu apenas nas turmas A e B, por razões que compreendemos mais à frente. Durante os dias de observação, que ocorreram duas vezes na semana, uma vez que para mim demonstrava-se crucial a necessidade de assistir à alguma aula de Geografia, foram analisadas as relações entre discentes e professor, a fim de entender a que tipo de comportamento a turma regia positivamente. O docente possuía uma postura amigável com os discentes, tentando sempre aproximá-los do conteúdo lecionado com base em perguntas a respeito do assunto que regia a aula, questionando-os do que achavam do período estudado e das situações históricas que eram expostas durante a apresentação do conteúdo; e mesmo que a participação geral da turma fosse reduzida, suas respostas eram sempre assertivas e bem pontuadas.

Entender como os discentes se comportam diante da postura do professor torna-se crucial para entender e estabelecer como a prática da metodologia seria aplicada, uma vez que apesar de alguém relativamente desconhecido estar apresentando o tema, é necessário que haja um reconhecimento da prática pedagógica, um comportamento por eles reconhecido e facilmente assimilado. O dia da observação da aula de Geografia, por sua vez, foi preciso para, além de ter acesso ao andamento da disciplina na qual meu processo de graduação se insere, entender qual conteúdo estava sendo assimilado pelas turmas para que, assim, pudesse escolher uma das obras que melhor se encaixasse no período de aprendizagem dos discentes. Com base nas observações e participações nas aulas, foi percebido que o principal conteúdo que regia às aulas de Geografia tratava-se de Urbanização e Desigualdade Social.

Em suma, tanto *Recife Frio* quanto *Um Lugar ao Sol* poderiam fazer parte da aula ministrada por mim, uma vez que ambos tratam sobre as temáticas que estavam sendo discutidas naturalmente nas aulas de Geografia. No entanto, ao dialogar com o docente da disciplina, e contar a respeito das sinopses das produções, foi sugerido que tratássemos do tema com auxílio do documentário de Gabriel Mascaro.

Foi nesse momento que o professor relatou que a maioria dos discentes residiam no bairro de Boa Viagem e, pela contextualização da obra escolhida, haveria reconhecimento e

inserção maiores. Por conseguinte, antes da aplicabilidade, o professor, que aqui chamaremos apenas de H., respondeu a um questionário para entendermos a familiaridade que ele possuía com a prática e um pouco de sua formação.

Quadro 1: Respostas, professor 1

RESPOSTAS – FORMULÁRIO DE PESQUISA COM PROFESSORES	
Turmas que leciona	Fundamental II
Vínculo com a escola	Professor concursado
Graduação	Licenciado em História
Já usou a metodologia anteriormente?	Sim
Explicação de como ocorreu a aula	Em um primeiro momento, foi informado que seria mostrado um trecho de um documentário sobre a desigualdade social no Brasil, chamado Brasileiros Guerreiros. O tema já tinha sido trabalhado em sala de aula e o trecho do documentário seria mostrado para estimular e gerar comentários e opiniões sobre o tema.
Quais as dificuldades de aplicação?	Ausência de aparelhos

Elaboração: Autora, 2023

Analisando brevemente as respostas do docente, podemos compreender que a metodologia ainda não havia sido aplicada nas aulas de Geografia, ao menos não pelo professor em questão, porém já era algo com que o docente possuía afinidade. Além disso, uma vez que a ausência de equipamentos era apontada como um problema, foi cabível resolvê-lo previamente, organizando como seria a metodologia, combinando quais equipamentos a escola possuía e eu poderia fazer uso, ao passo que haviam alguns que eu teria de levar. Com base na organização de materiais e a partir da definição do filme e de quando ocorreria a aplicação, houve a elaboração do respectivo plano de aula:

A respeito do dia da aplicação estavam presentes um número reduzido de estudantes, esse que, por sua vez, não era o número total das turmas e foi diminuído devido a atividades extracurriculares da escola, já que no dia da regência havia ensaio da quadrilha que não estava programado. Por essa razão, houve uma junção de turmas no auditório, em primeiro momento das turmas do 9º C e B, para assistirem ao filme presenciarem a metodologia, já no segundo a sala do 9º A e D estavam juntas para a exibição do documentário.

É importante ressaltar que o docente estava presente durante a atividade, também contribuindo para perguntas que instigassem o debate e pensamento crítico dos discentes envolvidos; uma vez que, como apontam Ribeiro e Bedim (2017, p. 45), “a participação do

professor nos debates metodológicos é essencial, pois o ajuda a pensar e planejar sua prática [...]”. Essa contribuição e participação do docente pode vir a proporcionar outras aplicabilidades do recurso, em diferentes eixos temáticos da Geografia escolar que possam ser abordados futuramente.

4.2. Exibição na Escola de Referência em Ensino Médio Saturnino de Brito

O EREM Saturnino de Brito, chamado pelos estudantes de *Satur*, está situado na Estrada da Batalha, no bairro de Prazeres, em Jaboatão dos Guararapes. Sua localização é de frente para uma rodovia estadual, a cinco minutos de distância de uma estação de metrô, a Porta Larga, e alguns minutos à mais separam a escola do Aeroporto Internacional do Recife. Pode-se afirmar que o Saturnino de Brito está inserido no centro de um grandioso contexto da urbanização jaboatonense. Aviões, automóveis e trens fazem parte do cotidiano escolar dos discentes. Além disso, parte dos estudantes são moradores de bairros adjacentes, como Jardim Jordão, Jordão Alto e Baixo, Porta Larga, Prazeres e Candeias.

A escolha do EREM deu-se por ser a escola onde pude fazer meu primeiro estágio curricular, tendo sido bem recebida por seu corpo docente e estudantes. Durante o período de observação de aulas, em duas turmas do terceiro ano do ensino médio, foi percebido que o conteúdo que regia as aulas dizia respeito às condições socioeconômicas globais e formações e ocupações de grandes centros urbanos, o que possibilitou aproximação de uma das películas escolhidas do tema que regia a unidade escolar. Como filme para contribuir para a aula que seria ministrada, foi-se escolhido Recife Frio que possuía como cenário um local próximo, conhecido pelos discentes, sendo esse o centro do Recife.

Além disso, o curta-metragem traz de maneira implícita como a ocupação dos espaços é modificada a partir, também, de eventos externos. No caso da obra de Kleber Mendonça Filho, a queda do meteoro causa alterações climáticas repentinas que alteram as configurações sociais que compreendemos, até mesmo, atualmente. Porém, no contexto do curta, essas alterações são sentidas, também, no espaço doméstico e suas características também são modificadas, como exemplificada na obra a respeito do “quarto da empregada” que, por ser o menor e mais quente cômodo da casa torna-se objeto de desejo para um dos integrantes da família, que desejava encontrar métodos de lidar com o frio avassalador que assolava a capital pernambucana.

Exemplos à parte, o período de observação teve dois dias de duração, sendo uma observação em cada turma do último ano do ensino médio, onde ambas constituíam uma média de 32 a 42 discentes. Porém, no dia marcado para a prática, o número total foi reduzido por se

tratar, ironicamente, de um dia de fortes chuvas no Recife e região metropolitana, como foi o caso de Jaboatão dos Guararapes.

Devido a esse empecilho climático não programado, a aplicação ocorreu em apenas uma das duas turmas selecionadas, já que os estudantes encontravam-se unidos em uma mesma sala, ação resultante do quantitativo de faltas. No entanto, apesar da redução de público, a exibição ocorreu sem problemas maiores. O docente, que aqui chamaremos de E., não esteve presente durante as práticas por outros problemas ocorridos na escola, na verdade, uma reunião não planejada entre professores que aguardavam seus horários e a gestora da escola. Apesar disso, o questionário também foi aplicado com o educador, na qual obtivemos as seguintes informações:

Quadro 2: Respostas ao questionário, professor 2

RESPOSTAS – FORMULÁRIO DE PESQUISA COM PROFESSORES	
Turmas que leciona	Ensino médio
Vínculo com a escola	Professor concursado
Graduação	Licenciado em Geografia
Já usou a metodologia anteriormente?	Sim
Explicação de como ocorreu a aula	Acontece principalmente em conteúdos como biomas, urbanização e origem do planeta Terra, onde os estudantes assistem e discutem o que foi visto.
Quais as dificuldades de aplicação?	Ausência de aparelhos e dificuldade em encontrar produções disponíveis

Elaboração: Autora, 2023

Com relação à prática, esta ocorreu no laboratório de informática da escola, com projetor e caixa de som cedidos pela instituição. A maior problemática presente durante a aula tratou-se do uso de celulares, algo que ocorre cotidianamente no cenário escolar, mas alargou-se um pouco para um número mínimo de discentes que, por estarem no laboratório de informática, ligaram os computadores. As intervenções com relação à diminuir o uso de aparelhos eletrônicos eletrônicos ocorreram cerca de cinco vezes, porém a maior parte dos estudantes demonstrou estar prestando atenção ao que estava sendo apresentado. No caso do EREM Saturnino de Brito, as aulas não foram germinadas, como ocorreu na primeira escola a receber a metodologia, então dividiu-se em: a) a primeira aula consistia na recapitulação do que estava sendo aprendido pelos discentes durante as aulas com o professor E., seguido da contextualização do curta e então, iniciar sua exibição; e b) o debate sobre o que foi visto, relacionando com conceitos aprendidos com a disciplina de Geografia e tempo destinado para

responder o questionário. Com base na conclusão das exposições, cabe analisar os resultados obtidos a partir das respostas dos formulários para que possamos, por fim, compreender o olhar dos discentes sobre suas experiências com os recursos cinemáticos e suas opiniões. Além disso, relacionar as respostas dos discentes e prática educacional com apontamentos de autores, geógrafos licenciados e pedagogos que estudam a relação entre Cinema e Geografia.

UM POUCO DE CRÍTICA — ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir da conclusão da prática metodológica, torna-se imprescindível estudar os resultados coletados através dos formulários e gráficos elaborados com base nas respostas. Tal análise traz consigo a necessidade de compreensão profunda das percepções dos discentes com relação às suas experiências com a metodologia, filme e debate, e demais opiniões. Ademais, o estabelecimento de relações entre respostas e prática visa alinhar-se com o embasamento teórico de geógrafos licenciados, que estudam sobre a inserção da sétima arte na Geografia Escolar. Para Rocha (2018) a análise desses dados proporcionará uma visão mais perspicaz sobre o impacto do cinema na experiência educacional dos estudantes da Geografia, permitindo uma avaliação crítica de seu potencial enquanto ferramenta pedagógica (Oliveira, 2017).

Segundo o que apontam Lima e Portugal (2018, p. 109) a prática pedagógica com filmes necessita contemplar mediações e contextualizações nas quais os alunos se sintam contemplados por conseguirem estabelecer relações entre os conteúdos abordados [...]. Seguindo essa perspectiva, o estabelecimento de um plano de aula mostra-se como uma elaboração positiva a contribuir na prática metodológica, uma vez que contextualiza, anteriormente, o filme com o que o discente está aprendendo em sala de aula. Mas, somando-se a observação de aula e breve convívio com a classe, ouvindo suas colocações durante as aulas, tornou-se possível relacionar contexto escolar – planejamento de aula – obra cinematográfica, proporcionando maior compreensão do conteúdo ensinado durante a prática.

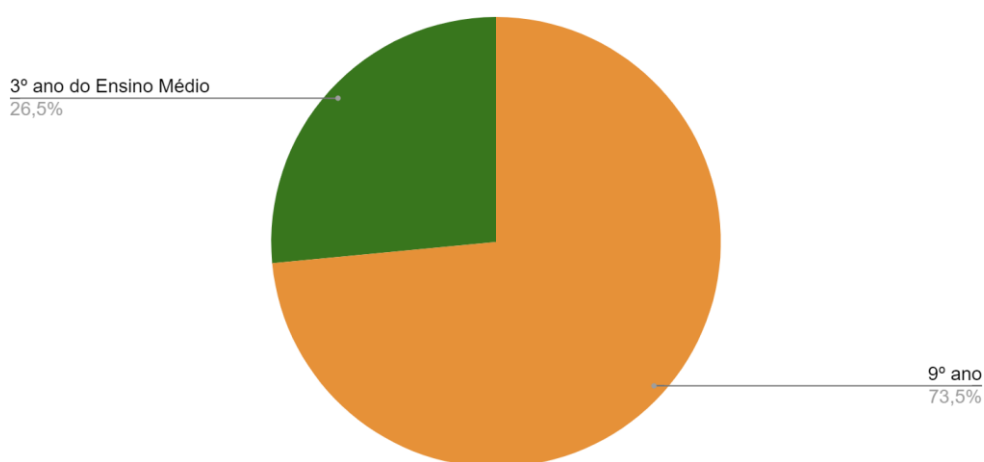
Nesse sentido, caminhamos rumo à análise dos dados obtidos com base no formulário, em um total de 82 discentes ouvidos. É necessário ressaltar que, apesar de participarem da prática, nem todos respondiam todas as questões presentes na ficha avaliativa, sendo as questões sem resposta as dissertativas, o que resulta em um aprendizado e aperfeiçoamento da avaliação final em caso de uma aplicação futura. Sendo assim, as questões abordavam os seguintes questionamentos:

1. Qual o seu ano escolar?
2. Você já havia presenciado alguma aula de Geografia ou outras disciplinas com filmes?
3. Se sim, quais disciplinas (*questão com espaço para resposta*)
4. O que achou mais interessante sobre a aula?
5. O debate foi: (*com as opções de ruim, médio, bom e ótimo*)
6. Participaria e gostaria de ter outras aulas de Geografia dessa maneira?
7. Você conseguiu identificar algum cenário do filme onde já esteve?

8. Caso a resposta anterior tenha sido sim, diga quais locais você identificou (*questão com espaço para resposta*)
9. O filme facilita a compreensão do conteúdo?
10. De que maneira você conseguiu compreender o conteúdo através do filme? (*questão dissertativa*)

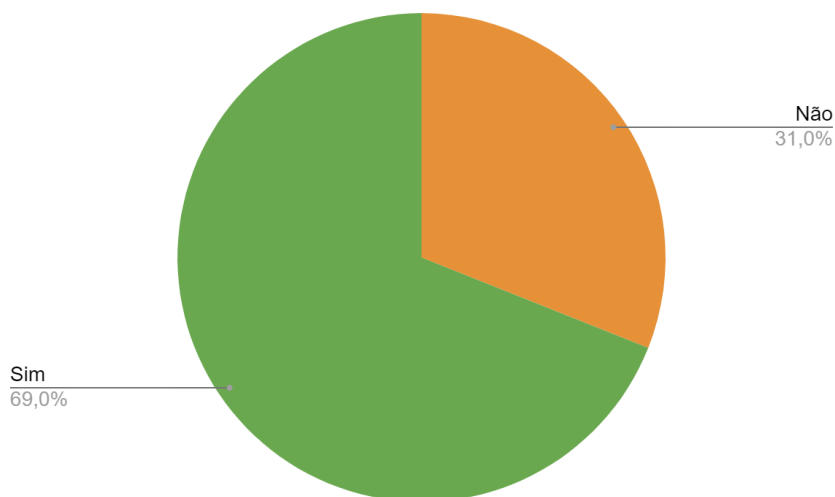
Com base no que podemos observar das perguntas, parte gira em torno da prática e conhecimento antecessor com relação a metodologia, enquanto um outro número de perguntas consiste na relação do estudante com o meio representado e reconhecimento de cenários, paisagens e lugares, trazendo para o cerne da experiência a sua vivência particular. De acordo com os dados obtidos, mais da metade dos estudantes que participaram das aulas eram do nono ano do ensino fundamental, enquanto os demais dividiram-se em turmas do ensino médio.

Gráfico 1: Ano escolar



Elaboração: Autora, 2023.

Através da leitura do gráfico, podemos explicitar a discrepância entre séries dos discentes onde, baseado no número total de estudantes que participaram da pesquisa, 61 constituíam o 9º ano do Fundamental II, enquanto os 21 restantes faziam parte do Ensino Médio. A diferença entre público deu-se, como relatado no capítulo anterior, às condições temporais ocorridas em Jaboatão dos Guararapes e Região Metropolitana no dia da aplicação metodológica. Por conseguinte, dissociando as análises com base nas práticas e filmes aplicados em cada uma das instituições, iniciaremos com os estudantes do nono ano do ensino fundamental e aplicação de *Um Lugar ao Sol* (2009), e recapitulando a inserção dos discentes em um dos bairros representados, como foi o caso de Boa Viagem.

Gráfico 2: Reconhecimento de cenários do filme, Escola Brigadeiro Eduardo Gomes**Elaboração:** Autora, 2023

Da totalidade de 61 alunos presentes na aplicação, 43 responderam positivamente com relação ao reconhecimento de lugar, enquanto os outros 18 trouxeram respostas negativas a respeito da pergunta. Pode-se interpretar essa ausência de reconhecimento como parte de um processo de não se ver inserido no meio em que foi retratado, ou não conviver diretamente com suas espacialidades. Sendo assim, o que viria a ser posto em prática após a obtenção desse resultado, especificamente, diria respeito a auxiliar os discentes a exercerem cada vez mais o ato de pensar a imagem apresentada e seus símbolos, a fim de relacionarem e enxergarem-se como seres que a constituem. Outrossim, parte dos discentes que responderam a questão sobre quais lugares reconheciam, trouxeram respostas, como: *praia de Boa Viagem, o edifício Transatlântico, a orla, os prédios*. Destaco aqui a existência de respostas que diziam respeito à casa de amigos, que futuramente foi descoberta a presença da casa de uma das discentes da turma.

Figura 7: Respostas sobre lugares reconhecidos em *Um Lugar ao Sol*.

A casa de uma amiga

A minha casa (transatlântico)

O jardim transatlântico, já fui lá várias vezes e também a praia de boa viagem

Fonte: Autora, 2023

As respostas apresentadas acima mostram a importância de aproximar o estudante de uma paisagem/cenário que esteja inserido em seu cotidiano; apresentar o reconhecimento do espaço representado e obter a resposta de identificação de que aquele apresenta-se como a casa de um dos espectadores, gera um processo de inserção no meio representado. Sendo assim, o ensino a respeito do urbano, possuindo como exemplo da verticalização e processo de ocupação do espaço da “beira mar” o edifício residencial de uma das educandas mostra que aquela realidade não está distante do que se mantém escrito em livros didáticos.

A partir de então, seguindo para as respostas com base na compreensão do conteúdo, muitos dos discentes responderam o que compreenderam a respeito do filme. Nesse quesito, não existem respostas erradas, apenas entendimentos diferentes do que se foi apresentado. Sendo assim, podemos interpretar esse processo de três maneiras relativamente semelhantes, sendo elas: a) os discentes não conseguiram relacionar o filme com a temática urbana, b) a explicação dada pela licencianda não foi suficientemente explicada ou compreendida, e c) o debate não mostrou-se o suficiente para relacionar os conteúdos. Porém, com relação às análises recebidas, houveram respostas como:

“Consegui entender um pouco sobre a desigualdade social, sobre pessoas que possuem uma moradia diferente estando na mesma cidade. Porém, com classes sociais totalmente diferentes” (Estudante J.S., 9º ano)

“O documentário mostra a realidade da classe mais alta do Brasil e demonstra o seu ponto de vista em relação aos pobres e sem dúvidas mostra claramente a desigualdade social que é muito presente no nosso país” (Estudante L.M., 9º ano)

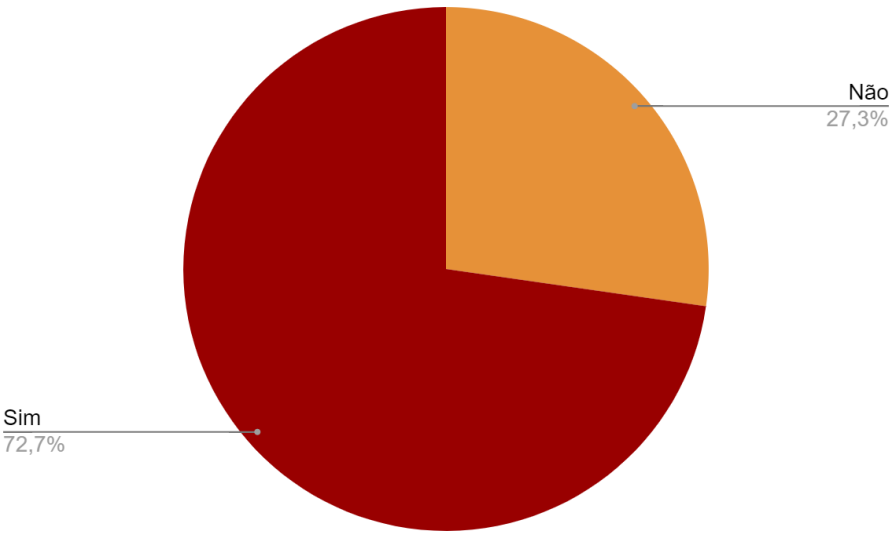
“O debate principalmente que vemos a realidade e que essas pessoas que não acham que é luxo morar em lugares de alto escalão ou a beira da praia e em lugares chiques, distorcem um pouco a ideia das pessoas de baixa renda, como é retratado no vídeo mostrado nessa aula, que acredito que é um assunto atual que deveria ser mais debatido pelas pessoas hoje em dia. É nas aulas para as pessoas, adolescentes ou crianças para ter uma ideia ou mentalidade da situação de hoje em dia” (Estudante L.S., 9º ano)

Baseando nossa análise nas respostas apresentadas, podemos interpretar que, apesar da aula tratar-se de Urbanização e Desigualdade Social, a relação entre o filme e o segundo conteúdo em questão foi bem mais sucedido do que com o primeiro. Podemos apontar que os dois assuntos são indissociáveis, uma que a desigualdade social pode ser lida socialmente como uma consequência dos processos desiguais de urbanização.

No entanto, a prática mostrou-se insuficiente para o que entenderia-se como o conceito de urbano aqui pretendido, algo que veremos a seguir que também ocorreu com a aplicação de

Recife Frio (2009). De acordo com os resultados coletados na turma de terceiro ano de ensino médio que participou da aplicação, o reconhecimento das paisagens deu-se da seguinte maneira:

Gráfico 3: Reconhecimento de cenários do filme, EREM Saturnino de Brito.



Elaboração: Autora, 2023.

Dentre a totalidade de 21 discentes ouvidos e participantes da metodologia, apenas 5 não conseguiram reconhecer algum dos cenários representados, enquanto 16 estudantes responderam que sim. Nesse sentido, em questões proporcionais, atrelando à totalidade de 82 discentes ouvidos, podemos compreender que o processo de reconhecimento paisagística ocorreu de maneira bem sucedida. Movendo agora essa análise quais locais foram reconhecidos, parte das respostas dizem respeito ao Centro do Recife, apesar de também existirem outros bairros, municípios e cidades que foram mencionados.

Figura 8: Respostas sobre lugares reconhecidos em *Recife Frio*.

Boa Viagem, Mercado São José, Recife, Ponte Duarte Coelho, Centro do Recife em geral
A cidade, a ponte e a praia
Boa Viagem, Mercado de São José
A região metropolitana do Recife, as praias relacionadas nos curtas e as cidades
Recife, Ponte Duarte Coelho e centro do Recife

Fonte: Autora, 2023

É interessante observar como ambas as produções possuem símbolos que são lidos como pontos turísticos do Recife e, em suma, ao tratarmos de *Recife Frio*, foram esses locais que foram reconhecidos em sua maioria. Quando tratamos a respeito das compreensões unificando o conteúdo da aula com o filme, as respostas trazidas diziam respeito às mudanças climáticas, dentre elas ressaltam-se algumas, como:

“Compreendi a mudança climática em Recife, uma cidade tropical que sofreu uma brusca mudança para um clima frio, por mais que o filme não seja verídico, faz refletir que de fato o Recife e a população não estão adaptadas a temperaturas baixas”

“O filme retrata um cenário utópico mas que interpola com a realidade no Recife nos dias de chuva, mostra a interação do clima com a cidade que não é adaptada para isso”

“Através dos cenários mostrados e as entrevistas expostas que facilitaram o entendimento quanto ao conteúdo exposto, além de que o filme utiliza de elementos culturais conhecidos que demonstra a mudança climática e seus efeitos na cultura e em outros aspectos sociais”

Seguindo o exemplo do que ocorreu com a turma de nono ano, também houveram problemas com a questão do entendimento central do tema abordado na turma do último ano do ensino médio. Sendo assim, apesar da metodologia utilizada ter obtido sucesso, uma vez que foi possível compreender parte do conteúdo, apesar de não tê-lo feito de maneira correta, ou total. Para próximas aplicações, cabe-se maior planejamento, não apenas das aulas em que o recurso fílmico será utilizado, mas todo um preparo que antecede a metodologia e seja aplicado desde o primeiro dia de apresentação do conteúdo, com o objetivo de que não haja afastamento da temática central que será estudada.

Além disso, retornando para as experiências gerais, respostas positivas ¹⁰tomaram conta das perguntas que lhes abarcavam, mostrando que, apesar de certa distância existente entre o que foi planejado para a aula, a prática foi apreciada. Nesse sentido, mesmo com os problemas descritos, pode-se afirmar o sucesso da metodologia e da aproximação desejada entre o sujeito/discente e o meio em que suas histórias são desenvolvidas.

¹⁰ Os demais gráficos estarão presentes no trabalho na área de Apêndice.

CRÉDITOS FINAIS

De acordo com as palavras de Paulo Freire, aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (Freire, 1989, p. 7). A partir dessa colocação, auxiliar o aluno a relacionar os conhecimentos intrínsecos na Geografia Escolar torna-se imprescindível, mas relacioná-los com o cotidiano do alunado é tão necessário quanto.

Viver, conviver e criar laços numa capital que o cinema fez e constituiu história é aproximá-los de uma raiz cinematográfica cultural nem sempre celebrada. O cenário da sala de aula, o ambiente escolar como um todo, mostra-se como espaço fértil para novas práticas e pensamentos, que precisam de novas práticas que proporcionem sua relação com o cinema em metodologias de ensino da Geografia Escolar. Além disso, deve-se impulsionar práticas que unem a sociedade escolar com a sétima arte, como o cineclubismo e os pensamentos críticos desenvolvidos em debates resultantes das sessões fílmicas.

O arcabouço do cinema, seus múltiplos cenários, falas, monólogos e representações, devem ser cada vez mais analisados e relacionados com o que pode-se compartilhar em sala de aula por meio do intermédio do docente e dessa vontade de disseminar conhecimento cinemático e geográfico. Outrossim, o aperfeiçoamento das práticas que unam geografia e cinema devem ser consolidados, com o objetivo de que os conteúdos sejam devidamente aprendidos e absorvidos pelos discentes.

Há necessidade de se trabalhar com a imagem cinematográfica, de incluí-la em planejamento, mas também é preciso ter como foco criar condições para que se estabeleça uma visão crítica sobre a sociedade do espetáculo, sobre a visão etnocêntrica e ideológica (Campos, 2007 p. 5). O ato de se pensar o cinema desperta, nesse sentido, mais do que apenas enxergar o que se está na tela, mas também múltiplos conceitos sociais que auxiliam a interpretar os cenários políticos, sociais e econômicos do mundo que os rodeia.

Nesse sentido, o cinema pernambucano e suas ligações com os conceitos de urbano mostram-se apenas como algo inicial à prática da Geografia Escolar s escolas de Pernambuco.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. F. **Geografia e cinema**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Eds.). Cinema, música e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 95-128.
- BRASIL. **Lei 13.006/2014, de 26 de junho de 2014**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/13006.htm. Acesso em: 15 de agosto de 2023.
- CAMPOS, R. R. **Cinema, Geografia e sala de aula**. Estudos Geográficos, Rio Claro v. 4, n. 1, p. 1-22, jun. 2006.
- CORRÊA, R. L. **Espaço: um conceito-chave da Geografia**. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; _____. Geografia: conceitos e temas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, R. L, ROSENDAHL, Z. (Org.) Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.84-122.
- COSTA, M. H. B. V. **Filme e geografia: outras considerações sobre a “realidade” das imagens e dos lugares geográficos**. Espaço e Cultura, n. 29, p. 43-54, jan./jun. 2011.
- _____. **Geografia Cultural e Cinema: Práticas, Teorias e Métodos**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). Geografia: temas sobre Cultura e Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, v., p. 43-78, 2005.
- FLOR, A. J. **Cinema Pernambucano: Uma viagem pela estética e narrativa dos filmes pernambucanos**. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Salto - SP. 2016.
- SILVA, S. J. da. **Pernambucolismo: memória gráfica no novo cinema pernambucano**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Design) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2019.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 23º ed São Paulo: Autores Associados, 1989.
- HALL, S.. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
- LIMA, M. R., PORTUGAL, J. F. **A linguagem cinematográfica e a Geografia Cultural: Contextualizações e proposições didático-pedagógicas**. In: Educação Geográfica: diversas linguagens. 1º ed. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2018.
- NOGUEIRA, A. M. C. **O novo ciclo do cinema em Pernambuco – a questão do estilo**. Recife: Editora da UFPE, 2009
- _____. (2020), **A brodagem no cinema em Pernambuco**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
- MAIA FILHO, P. P. P. **O uso do cinema no ensino de Geografia: A análise da paisagem cinematográfica como recurso pedagógico**. In: PORTUGAL, J. F. (org.). Educação Geográfica: diversas linguagens: EDUFBA; Salvador, 2018. p. 79-97.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib e PAGANELLI, Tomoko Iyda e CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez. 2007.
- QUEIROZ, P. R. F. **Tramas imagéticas da cidade anfíbia: a geografia do cinema do**

Recife. 2017.

OLIVEIRA, R. S.. **O cinema como instrumento de ensino de geografia: possibilidades e desafios.** Revista de Educação Geográfica, 9(3), 87-100, 2017.

ROCHA, E. M.. **A influência do cinema na percepção geográfica dos estudantes.** Anais do Congresso Brasileiro de Geografia, 5, 210-223, 2018.

FILMOGRAFIA

FERREIRA, Lório e CALDAS, Paulo. **Baile Perfumado.** Saci Film. Produção de Paulo Caldas, Germano Coelho Filho, Lório Ferreira, Marcelo Pinheiro e Aramis Trindade. Pernambuco, 1996, 93 min. Ficção. Colorido. Port.

FILHO, Kleber Mendonça. **Aquarius.** [Filme-Vídeo]. Produção de Emilie Lesclaux, Said Ben Said, Michel Merkt, direção de Kleber Mendonça Filho. Recife, 2016, 141 min. Ficção. Colorido. Port.

_____. **Recife Frio.** Produção de Emilie Lesclaux, direção de Kleber Mendonça Filho. Recife, 2009, 24 min. Ficção. Colorido. Port.

MASCARO, Gabriel. **Um lugar ao Sol.** Produção e direção de Gabriel Mascaro. Pernambuco: Símio Filmes, 2009. 1 DVD 71 min. Documentário. Colorido. Port.

PAIVA, Newton e NETO, Firmo. **O coelho sai.** Produção de Newton Paiva, direção de Newton Paiva e Firmo Neto.

ROIZ, Gentil. **Aitaré da Praia.** Aurora Filme. Produção de Joaquim Tavares, direção de Gentil Roiz. Pernambuco, 1926, 62 min. Ficção. Preto e branco. Port.

SEVERO, Ary. **A filha do advogado.** Aurora Filme. Produção de João Pedrosa da Fonseca, direção de Ary Severo. Pernambuco, 1926, 92 min. Ficção. Preto e branco. Port.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FICHA AVALIATIVA DOS DISCENTES

Nome: _____

Ano escolar:

() 6º ano () 7º ano () 8º ano () 9º ano

Você já havia presenciado alguma aula de Geografia ou outras disciplinas com filmes?

() Sim, Geografia () Sim, outras disciplinas

() Sim, em Geografia e outras disciplinas () Não para ambos

Caso tenha sido em outra disciplina, diga quais foram:

O que achou mais interessante sobre a aula?

() O debate () A relação entre o filme e a Geografia

() Os cenários mostrados no filme () O conteúdo da aula

O debate foi:

() Ruim () Médio () Bom () Ótimo

Participaria e gostaria de ter outras aulas de Geografia dessa maneira?

() Sim () Não () Talvez

Você conseguiu identificar algum cenário do filme onde já esteve?

() Sim () Não

Caso a resposta anterior tenha sido sim, diga quais locais você identificou.

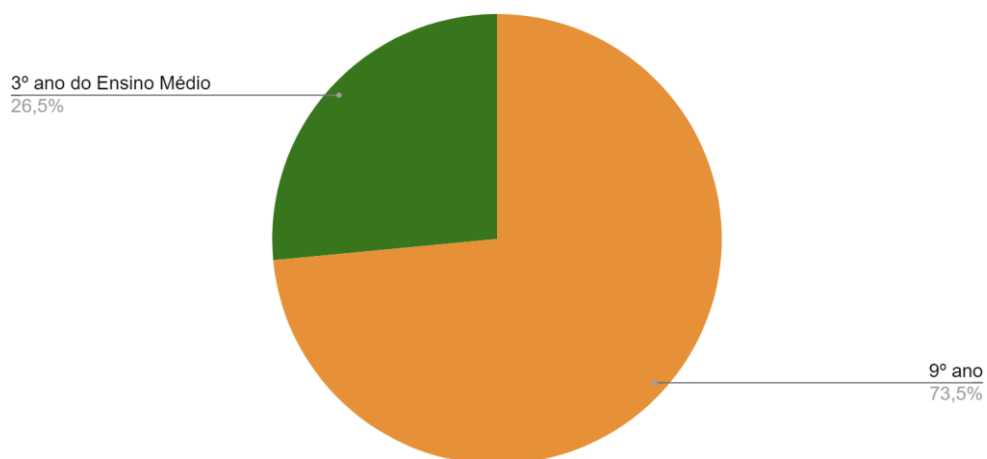
O filme facilitou a compreensão do conteúdo?

() Sim () Não

De que maneira você conseguiu compreender o conteúdo através do filme?

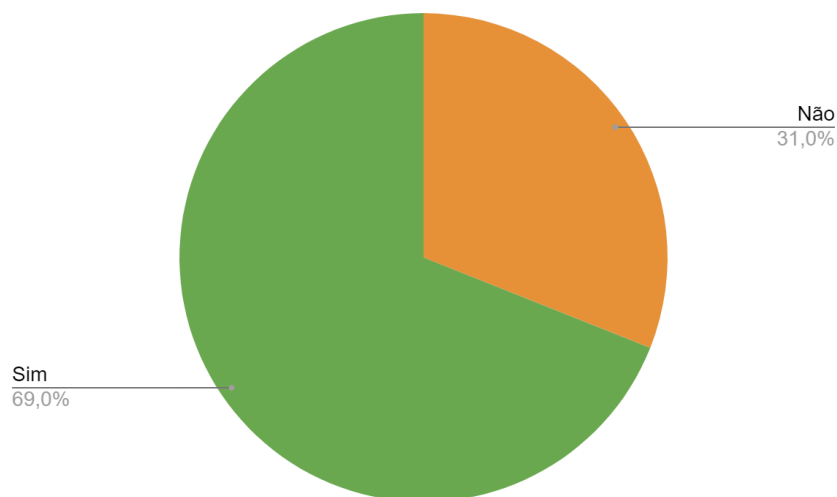
APÊNDICE B – GRÁFICOS ELABORADO COM BASE NAS RESPOSTAS DOS ESTUDANTES

Gráfico 1: Ano escolar



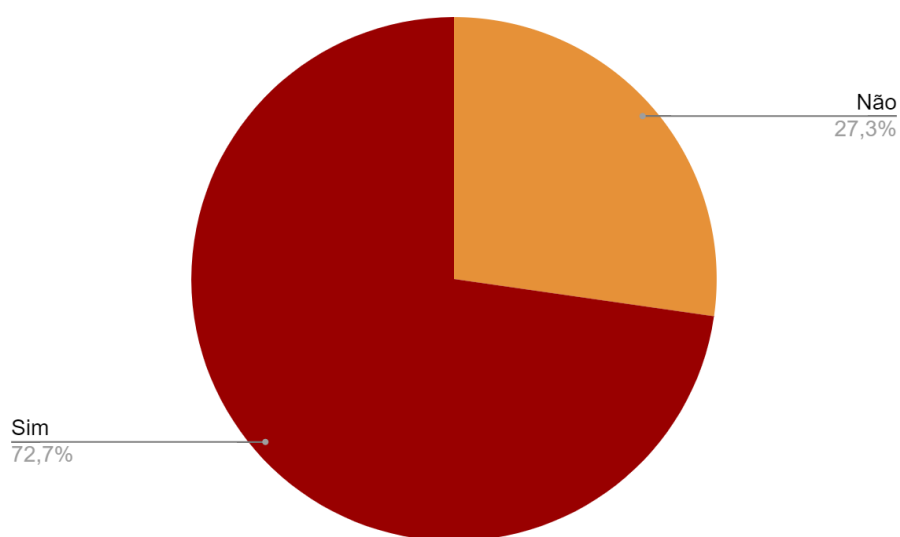
Elaboração: Autora, 2023.

Gráfico 2: Reconhecimento de cenários do filme, Escola Brigadeiro Eduardo Gomes



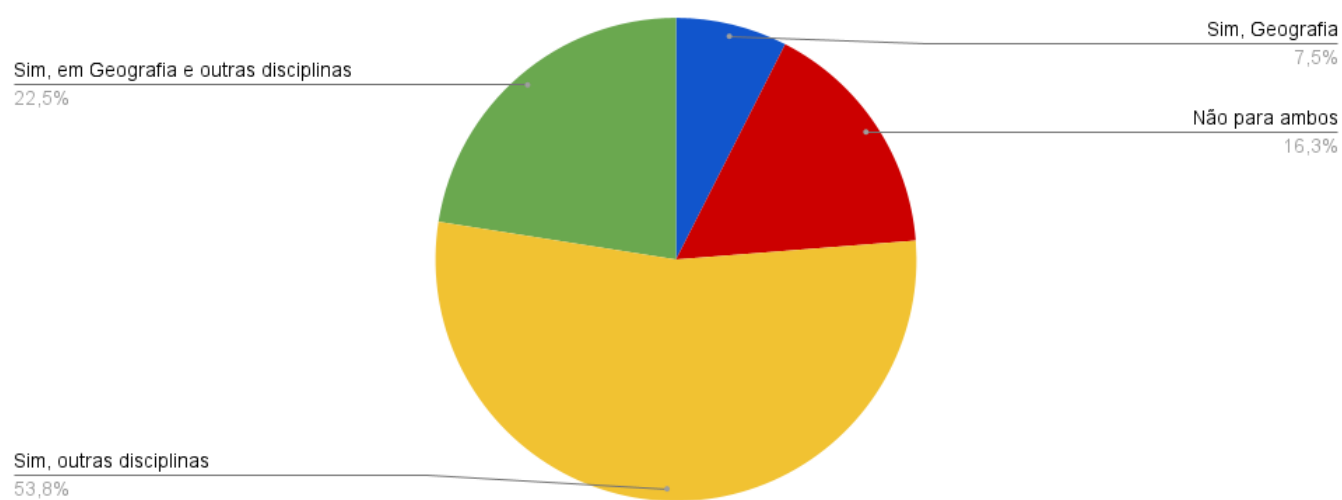
Elaboração: Autora, 2023

Gráfico 3: Reconhecimento de cenários do filme, EREM Saturnino de Brito.



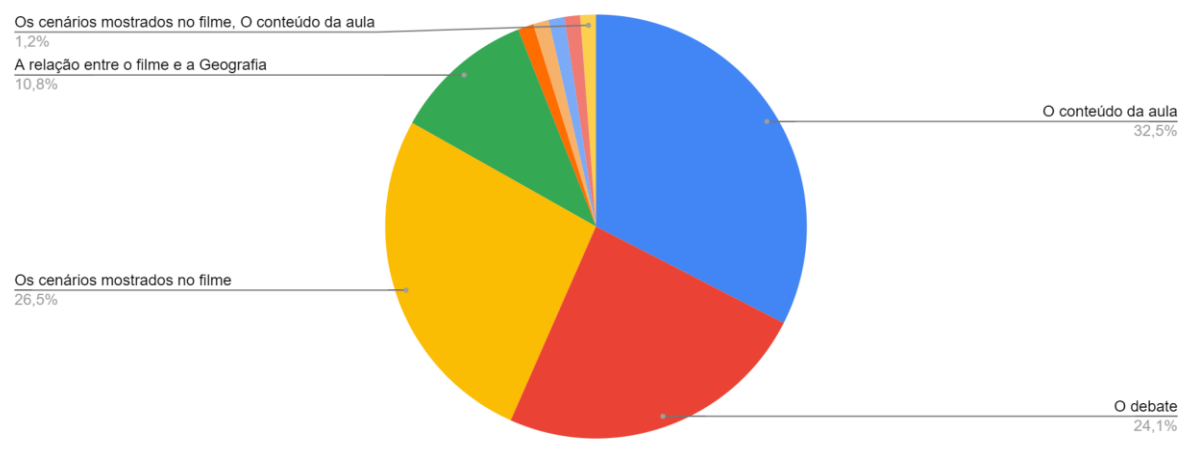
Elaboração: Autora, 2023.

Gráfico 4: Metodologia audiovisual em outras aulas



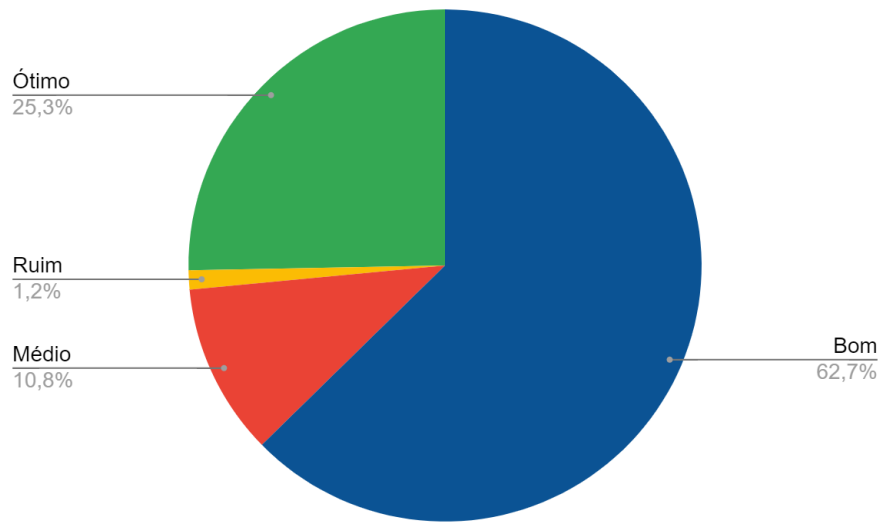
Elaboração: Autora, 2023.

Gráfico 5: Respostas sobre o que os discentes acharam mais interessante



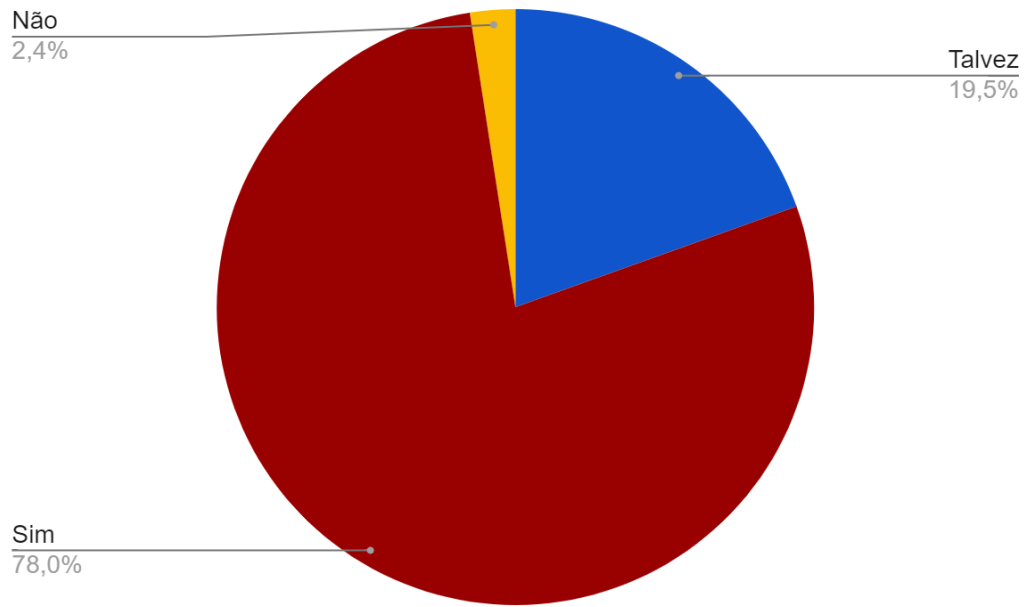
Elaboração: Autora, 2023.

Gráfico 6: O que achou do debate?



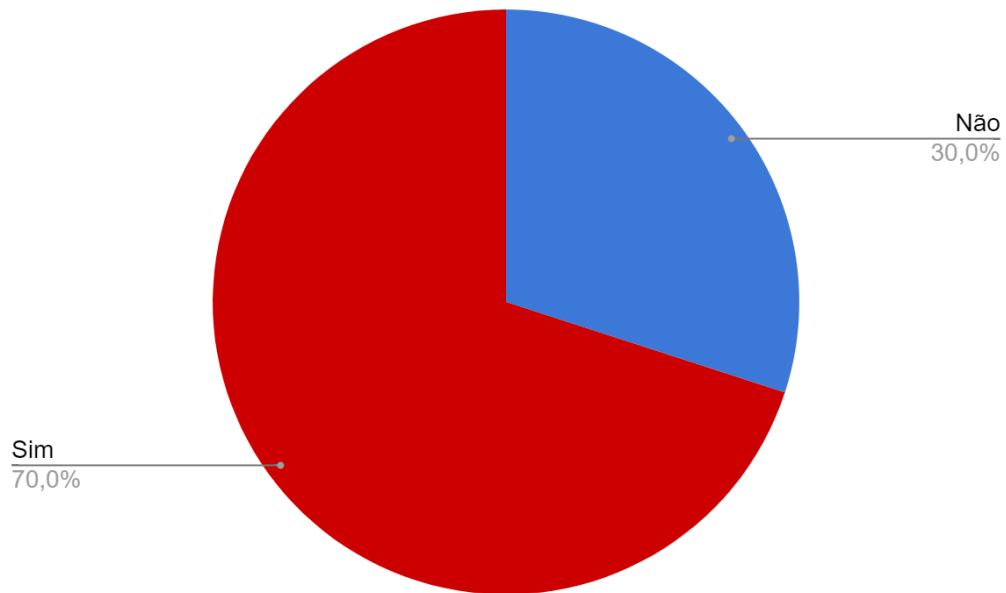
Elaboração: Autora, 2023.

Gráfico 7: Participaria de outras aulas dessa maneira?



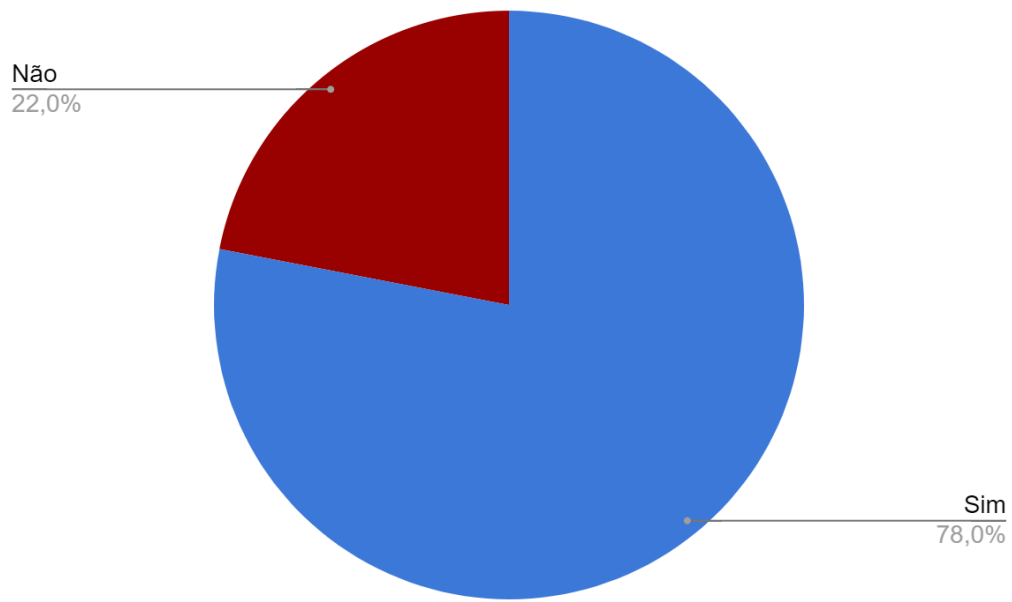
Elaboração: Autora, 2023.

Gráfico 8: Você conseguiu identificar algum cenário onde já esteve?



Elaboração: Autora, 2023.

Gráfico 9: O filme facilitou a compreensão do conteúdo?



Elaboração: Autora, 2023.